

---

**SOBRE FAKE NEWS E TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO:  
POPULISMO CONSERVADOR E DESINFORMAÇÃO NA  
CULTURA CONTEMPORÂNEA**

*ABOUT FAKE NEWS AND CONSPIRACY THEORIES: RIGHT-WING POPULISM AND  
DISINFORMATION IN CONTEMPORARY CULTURE*

*SOBRE FAKE NEWS Y TEORIAS DE LA CONSPIRACIÓN: POPULISMO CONSERVADOR Y  
DESINFORMACIÓN EN LA CULTURA CONTEMPORÁNEA*

**AMANDA SANTOS<sup>1</sup>**

**PAULO VAZ<sup>2</sup>**

Submissão: 29/07/2022

Aprovação: 01/08/2022

Publicação 30/06/2023

---

<sup>1</sup> Amanda Santos é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro com bolsa CNPq (2019-atual), orientada pelo professor Paulo Roberto Gibaldi Vaz.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9401-163X> E-mail: [amandassantos94@gmail.com](mailto:amandassantos94@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988), doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e pós-doutorado pela University Of Illinois At Chicago (2004). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8776-2715> E-mail: [paulo.vaz@eco.ufrj.br](mailto:paulo.vaz@eco.ufrj.br)

---

## RESUMO

A partir de uma discussão sobre o fenômeno da desinformação nas plataformas digitais, este trabalho sugere que o populismo conservador vem utilizando discursos conspiratórios para dar sentido às mudanças morais nas sociedades contemporâneas, produzindo um tipo particular de crítica social. Nesse sentido, propõe-se uma discussão sobre câmaras de eco e epistemologia partidária para explicar a adesão às fake news e teorias da conspiração. Para experimentar o nexos entre populismo e conspiração no contexto brasileiro, foram selecionados vídeos da produtora Brasil Paralelo no Youtube com críticas ao movimento feminista. A análise de discurso deste conteúdo permite dar concretude ao que chamaremos de “crítica conspiratória” do populismo de direita, e revelou que a Brasil Paralelo associa o movimento feminista à temática da “ideologia de gênero”. Na conclusão, propomos que haveria uma distância histórica entre esta forma de discurso moral e político e outras formas de crítica social que marcaram a Modernidade.

**Palavras-chave:** Teorias da conspiração. Populismo conservador. Feminismo

## ABSTRACT

This paper begins with a discussion about the contemporary spread of disinformation on digital platforms. We suggest that conspiratorial discourses are employed by conservative populism to explain moral changes in modern societies, producing a new type of social criticism. In this sense, a discussion on echo chambers and partisan epistemology is proposed to explain social adherence to fake news and conspiracy theories. To experience the nexus between populism and conspiracy, the paper analyzes antifeminist videos from the producer Brasil Paralelo on Youtube. This content analysis revealed that Brasil Paralelo associates the feminist movement with the theme of “gender ideology”. In conclusion, we suggest that there is a historical distance between this form of moral and political discourse and other forms of social criticism that were prevalent in the past.

**Keywords:** Conspiracy theories. Right-wing populism. Feminism.

## RESUMEN

A partir de una discusión sobre el fenómeno de la desinformación en las plataformas digitales, este trabajo sugiere que el populismo conservador viene utilizando discursos conspirativos para dar sentido a los cambios morales en las sociedades contemporâneas, produciendo un tipo particular de crítica social. En este sentido, se propone una discusión sobre câmaras de eco y epistemología partidaria para explicar la adhesión a fake news

y teorías conspirativas. Para experimentar el nexos entre populismo y conspiración en el contexto brasileño, se seleccionaron videos de la productora Brasil Paralelo en Youtube con críticas al movimiento feminista. El análisis del discurso de este contenido permite concretar lo que llamaremos la “crítica conspirativa” del populismo de derecha, y reveló que Brasil Paralelo asocia el movimiento feminista con el tema de la “ideología de género”. En conclusión, proponemos que existiría una distancia histórica entre esta forma de discurso moral y político y otras formas de crítica social que marcaron la Modernidad.

**Palabras-clave:** Teorías de la conspiración. Populismo conservador. Feminismo.

## INTRODUÇÃO

O combate às *fake news* e à desinformação que ora proliferam nos ambientes digitais se tornou uma das pautas axiais no cenário político contemporâneo. Segundo relatório da ONU (2021, p. 27), “a capacidade de produzir desinformação em larga escala e enfraquecer fatos científicos estabelecidos” representaria um “risco existencial para a humanidade”. No Brasil, não carecemos de exemplos de como a disseminação de notícias falsas em redes sociais digitais podem levar a graves repercussões: vale citar, por exemplo, o uso das *fake news* sobre “Kit Gay” nas eleições presidenciais de 2018<sup>1</sup> ou a produção de teorias da conspiração sobre o número de mortos<sup>2</sup> que atrapalharam o combate à pandemia de Covid-19.

Diante desse cenário, diversas pesquisas vêm se colocando questões semelhantes (c.f. RINI, 2017; LAZER et al., 2018; MUIRHEAD & ROSENBLUM, 2020): quais são as condições de enunciação existentes na paisagem midiática contemporânea que tornam as *fake news* e as teorias da conspiração fenômenos tão recorrentes? Ou ainda, por que esses discursos, embora carreguem informações controversas e facilmente refutáveis na maioria das vezes, conquistam tantos adeptos?

Para tentar responder a essa questão, este trabalho inicia trazendo uma discussão sobre o lugar da tecnologia na construção de comunidades epistêmicas polarizadas. Na segunda parte do texto, vamos argumentar que teorias da conspiração têm sido modo

1 “É #FAKE que Haddad criou ‘kit gay’ e que Câmara realizou seminário LGBT infantil”. G1, 29/10/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/29/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-e-que-camara-realizou-seminario-lgbt-infantil.ghtml>. Acesso em 19/11/2022.

2 “É falso que hospitais recebem R\$18 mil por cada óbito registrado como covid-19”. Estadão, 25/06/2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/e-falso-que-hospitais-recebem-r-18-mil-por-cada-obito-registrado-como-covid-19/>. Acesso em 19/11/2022.

de o populismo conservador de direita produzir um novo tipo de crítica da sociedade, que supõe uma elite agindo secretamente para manipular e prejudicar a população. Para experimentar<sup>3</sup>, no contexto brasileiro, o nexó entre populismo conservador e teorias da conspiração sugerido por diversos autores (BERMANN, 2018; WAISBORD 2018), a terceira parte do artigo traz uma análise de vídeos publicados pela produtora Brasil Paralelo no YouTube, com objetivo de divulgar o documentário *A Face Oculta do Feminismo* (2022).

## **DA EPISTEMOLOGIA PARTIDÁRIA ÀS CÂMARAS DE ECO: TECNOLOGIA E VERDADE HOJE**

Qualquer explicação sobre o fenômeno contemporâneo da desinformação precisa considerar o papel central exercido pela expansão da internet e das redes sociais digitais. Ao liberarem o polo emissor e reduzirem a necessidade de um mediador na comunicação (LEMOS, 2010), as mídias digitais não só deram voz a grupos sociais pouco representados nas mídias tradicionais, mas também abriram as portas para a rápida disseminação de rumores infundados e teorias da conspiração que antes estiveram restritas às margens da sociedade (BERGMANN, 2018, p. 155). Além disso, as tecnologias digitais facilitam a propagação das *fake news* pela relativa facilidade em imitar, nesses ambientes, o estilo textual usado por portais jornalísticos convencionais e assim enganar a audiência, já que “o compartilhamento de artigos em plataformas de mídias sociais como Facebook remove muitos dos marcadores convencionais do jornalismo tradicional” (GELFERT, 2018, p. 102).

Sob outra perspectiva, talvez o que alimente as teorias da conspiração e fake news na internet não seja tanto a “livre” transmissão de informações entre usuários, mas sobretudo a tendência das redes sociais digitais à formação de bolhas de opinião (ou *filter bubbles*), à fragmentação das fontes de informação e, por fim, à polarização das comunidades epistêmicas:

Se nós recebemos nossas notícias pelas mídias sociais, nós podemos desligar as fontes que não gostamos, bem como podemos desfazer a amizade com

<sup>3</sup> Aqui, experimentar pode ser visto numa chave foucaultiana, como um ensaio, onde a experiência da ideia a partir da resistência colocada pelo caso é ocasião de experimentar-se, de arriscar certas suposições.

pessoas que discordam das nossas opiniões políticas. Se os nossos feeds são confiáveis ou livres de fatos vai depender do veto de nossos amigos e do algoritmo que o Facebook usa para decidir que histórias nós ‘gostamos’ mais. (MCINTYRE, 2018, p. 94)

Na medida em que os sistemas peritos como a ciência e o jornalismo entram em crise<sup>4</sup> e o excesso de informação disponível torna impossível que o indivíduo verifique por conta própria a veracidade de cada notícia recebida, a questão imediata passa a ser: em quem confiar? Os filtros de preferência e algoritmos que organizam a arquitetura das plataformas de mídias sociais respondem a este problema aproximando o indivíduo daqueles que ele já conhece, ou oferecendo a ele conexões com novos indivíduos que compartilham gostos e crenças semelhantes. Tais bolhas algorítmicas não são capazes de isolar completamente o indivíduo de visões de mundo contrárias às próprias – no entanto, “a abundância de informações dá a cada um acesso a um grande contingente de discursos de reforço às próprias convicções, permitindo descartar, sem muito estresse, aqueles que a contrariam” (MIGUEL, 2022, p. 197).

Em sua reflexão sobre a estrutura epistêmica das redes sociais digitais, Regina Rini (2017) argumenta que, em geral, nós tendemos a atribuir maior grau de confiança às informações recebidas por pessoas que compartilham os mesmos valores morais e posições políticas que os nossos. O que a autora chama de epistemologia partidária ajudaria a explicar por que tantas pessoas acreditam nas *fake news*: uma vez que estas narrativas são compartilhadas por contatos próximos, elas constituem uma “forma peculiar de testemunho” – estas histórias “aparecem em seus *feeds* de mídias sociais, evidentemente endossadas por pessoas nas quais eles confiam (em algum grau), e é natural acreditar no que amigos confiáveis contam a você” (RINI, 2017, p. E-46).

4 Segundo Giddens (1991, p. 71), “a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente confiança em sistemas peritos”. A partir desta definição de “sistema perito”, Luis Felipe Miguel (1999, p. 199) sugeriu que “o leitor/ouvinte/espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança, similar à dos outros sistemas peritos”. Em trabalho recente, Miguel reconhece que não apenas o jornalismo, mas também as ciências naturais e históricas, vivem uma crise de legitimidade na pós-modernidade, quando “cada vez mais, a identificação entre o emissor e seu público torna-se a chave para o sucesso do processo comunicativo” (MIGUEL, 2022, p. 205).

A epistemologia partidária e as bolhas de opinião não explicam, no entanto, por que muitos indivíduos seguem acreditando em informações falsas mesmo quando expostos a evidências contrárias. Para explicar este fenômeno, é preciso entender a formação de uma estrutura epistêmica particular: as câmaras de eco são uma radicalização das bolhas de opinião, na qual perspectivas contrárias às do grupo não estão simplesmente ausentes, mas são ativamente excluídas pela manipulação da confiança de seus membros, que aprendem a duvidar de qualquer informação provinda de fontes ou indivíduos que não pertencem ao próprio grupo (NGUYEN, 2018). Ou seja, enquanto as bolhas de opinião podem ser mero resultado do funcionamento dos algoritmos, as câmaras de eco implicam intenção e organização de grupos humanos.

Jamieson e Cappella (2008), em estudo sobre a circulação de discursos conservadores na rede de televisão *Fox News* e no programa de rádio de Rush Limbaugh, sugerem que as câmaras de eco são um “espaço midiático fechado que tem o potencial de ampliar as mensagens transmitidas dentro dele e isolá-las de refutação” (p. 76). Assim, mais do que atribuir maior grau de confiança aos membros da própria comunidade, as câmaras de eco funcionam como uma espécie de culto, um espaço organizado no qual a credibilidade de fontes que divergem de suas crenças é atacada contínua e metodicamente. Uma estratégia adotada por estes grupos conservadores é repercutir acontecimentos diários que estão na mídia tradicional, mas sob a interpretação que lhes interessa. Implícita ou explicitamente, acusam as demais fontes de terem manipulado os fatos, ou de ocultarem informações. Jamieson e Cappella frisam ainda a existência, nas câmaras de eco, de um quadro comum de referências e um sistema de ratificação, no qual diferentes formadores de opinião frequentemente citam uns aos outros e compartilham versões similares de um mesmo evento. Dessa forma, mesmo que um membro do grupo entre em contato com fatos e notícias contrários às suas crenças, ele já foi ensinado a questionar a validade daquela informação.

Mas através de que discursos são construídas as câmaras de eco? Estivemos tratando as *fake news* e as teorias da conspiração como duas formas de desinformação que se propagam nos ambientes digitais, dadas as suas condições tecnológicas. No entanto, talvez seja importante traçar algumas diferenças na forma como estes dois tipos de enunciados se organizam. Segundo Rini (2017) e Gelfert (2018), *fake news* são uma espécie de narrativa que simula descrever eventos do mundo real, imitando as

convenções utilizadas por reportagens da mídia tradicional, mas cujos criadores sabem ser significativamente falsa; além disso, são produzidas com o objetivo de ser amplamente retransmitidas e enganar ao menos parte de sua audiência. Poderíamos concluir então que fake news são um tipo de enunciado que faz com que um evento x, sabidamente falso por seus criadores, se passe por verdadeiro.

Por outro lado, seguindo Keeley (1999) e Bergmann (2018), as teorias da conspiração podem ser definidas como explicações alternativas para determinados eventos que vão contra uma narrativa oficial conhecida, e cuja força principal está em questionar dados e pequenos detalhes não esclarecidos por essa versão oficial. Na nova explicação proposta por estas teorias, os eventos nunca são meros acidentes, acontecimentos desprovidos de más intenções ou simplesmente resultados de uma estrutura social complexa; são parte de uma farsa intencional, orquestrada por elites corruptas em segredo com o objetivo de prejudicar o povo (BERGMANN, 2018, p. 57). Para Sutton e Douglas (2014, p. 256), “acreditar em qualquer teoria da conspiração significa acreditar que as autoridades podem ser malévolas, que elas podem esconder suas maldades, e que explicações oficiais para eventos importantes podem ser mentiras”. O elemento central da teoria da conspiração é, portanto, a denúncia de uma armação encenada por grupos poderosos. Para comparar com a definição de *fake news*, poderíamos descrever as teorias da conspiração como um tipo de enunciado que faz com que um evento x, socialmente reconhecido e validado como verdadeiro, se passe por falso.

A proliferação destes enunciados revela, portanto, que não há mais consenso sobre o que é o factual: o que observamos hoje são *fake news* e teorias da conspiração operando juntas para atender ao desejo de que o real não seja aquilo que ele é. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, foram produzidas diversas *fake news* e teorias da conspiração com o objetivo de questionar a sua veracidade: assim, a teoria conspiratória de que as vacinas contra o vírus eram parte de um plano para reduzir a população mundial foi alimentada com a divulgação de notícias falsas sobre mortes de pessoas após serem vacinadas<sup>5</sup>, confirmando a crença de que os imunizantes não eram seguros. Acreditar nesses enunciados, porém, requer um nível impressionante de ceticismo (fato que assinala

5 “É #FAKE que jovens têm morrido após receber vacina contra Covid-19 no Brasil”. G1, 30/09/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/09/30/e-fake-que-jovens-tem-morrido-apos-receber-vacina-contr-covid-19-no-brasil.ghtml>. Acesso em 19/11/2022.



a eficácia das câmaras de eco): é preciso acreditar que a Organização Mundial da Saúde, a indústria farmacêutica, a grande mídia, os cientistas e governantes de diversos países fazem todos parte de um extenso e perverso complô. Fomentar este ceticismo tem se revelado uma estratégia útil ao populismo conservador, como demonstraremos.

## **A CRÍTICA CONSPIRATÓRIA E SEU NEXO COM O POPULISMO CONSERVADOR**

Tomando distância de leituras que atribuem as teorias da conspiração à manifestação patológica de indivíduos paranoicos, podemos entender estas narrativas como um modo de interpretação sobre eventos políticos e sociais que reflete uma visão cética diante das autoridades governamentais, ou ainda, como coloca Bergmann (2018, p. 53) uma “forma radical de discurso populista”. O primeiro e mais evidente paralelo entre as teorias da conspiração e a retórica populista está no fato de que ambos compartilham uma “visão de mundo maniqueísta” (BERGMANN, 2018, p. 12), segundo a qual a sociedade é dividida entre uma elite imoral e um povo inocente. Partindo da definição de Mudde e Kaltwasser (2017), o populismo é uma ideologia que a) pressupõe o antagonismo entre estes dois grupos (o povo genuíno e a elite corrupta) e que b) defende que a política seja a expressão da vontade geral deste povo. Derivado deste sentimento antielitista, é possível traçar ainda um segundo nexo entre teorias conspiratórias e populismo, especialmente na sua dimensão epistêmica: ambos manifestam uma “oposição aos fatos e verdades determinadas pelas elites produtoras de conhecimento, como cientistas e especialistas” (WAISBORD, 2018, p. 3).

Em março de 2020, início da pandemia no Brasil, tanto Jair Bolsonaro quanto o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal, fizeram alegações de que “interesses econômicos” estariam envolvidos na “histeria” em torno do novo vírus: “Por trás dessa campanha toda do coronavírus existe um interesse econômico, e onde há interesse econômico, aí tem”, afirmou Macedo<sup>6</sup>. Esta fala é um exemplo da estrutura das câmaras de eco: ao alegar interesses econômicos ocultos, o bispo ataca a credibilidade da mídia e da ciência

6 “Edir Macedo atribui pandemia a ‘Satanás’ e fala em ‘interesses econômicos’”. Veja, 15/03/2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/religiao/edir-macedo-dissemina-informacoes-falsas-e-atribui-coronavirus-a-satanas/>>. Acesso em 20/06/2022.



e dos fatos repercutidos por elas. Mais recentemente, Bolsonaro voltou a sugerir em pronunciamento que urnas eletrônicas teriam sido fraudadas nas eleições de 2018: “Eu recebi vários vídeos, recebi telefonemas, que o cara ia lá apertar o 17 e aparecia o 13. Ninguém falava o contrário, quando ia apertar o 13, saía o 17, ninguém. Então foi uma coisa que aconteceu em larga escala, tá?”<sup>7</sup>

Para Muirhead e Rosenblum (2020), alegações genéricas como estas, produzidas para levantar suspeitas sobre determinados eventos (sem, no entanto, fornecer qualquer prova para sustentar tal desconfiança) representariam uma forma de “conspiração sem teoria”: “Conspiração sem a teoria insiste que as coisas não são como elas parecem, mas dispensa o fardo da explicação. Não há nenhum acúmulo exaustivo de evidências, nenhum sinal que revele um padrão, nenhum argumento, nenhuma interpretação” (MUIRHEAD; ROSENBLUM, 2020, p. 417). Em sua pesquisa, os autores usam de exemplo declarações dadas pelo ex-presidente republicano Donald Trump. Esse tipo de discurso político parece ser especialmente favorável à retórica populista, que com frequência se refere ao “sistema”, à “grande mídia”, às “elites globais” ou, apenas, aos “interesses econômicos” enquanto inimigos maléficos agindo contra o povo, sem se dar ao trabalho de explicar quem seriam esses atores, como eles agiriam em segredo etc.

De fato, há um alargamento do que podemos considerar teoria da conspiração no contemporâneo. Além da “conspiração sem teoria” proposta por Muirhead e Rosenblum, gostaríamos de propor que há certos discursos tomando a forma de uma “teoria da conspiração sem evento” – ou seja, teorias da conspiração que não visam explicar um evento específico (como a chegada do homem à lua, o 11 de setembro ou a origem da pandemia de Covid-19), mas que formam uma espécie de crítica social, dando sentido a diversas transformações morais e sociais recentes. O que caracteriza esse tipo de “crítica social” é o fato de que tais mudanças não são atribuídas a lutas políticas (por exemplo, movimentos de minorias) ou a transformações estruturais (como ascensão do individualismo, crise da família e globalização dos fluxos financeiros, de informação e de trabalho), mas à ação de um grupo mal-intencionado agindo por detrás dos panos e manipulando a população.

É um tipo de crítica que torna cada vez mais simples e moralista o discurso político,

7 “Pronunciamento à Nação - 02/06/2022 - PR Jair Bolsonaro”. YouTube, 02/06/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nHTMYmvwxEo>>. Acesso em 20/06/2022.

já que não explica ou oferece soluções para problemas sociais complexos – apenas combate simbolicamente a malevolência de inimigos do povo. Se, no caso das fake news, a disputa se dá com o jornalismo e com a ciência (pois trata-se de estabelecer quais fatos são verdadeiros), no caso da crítica conspiratória a disputa é no âmbito político. Dada a relevância da questão moral, o conflito será especialmente com relação à esquerda multicultural, marcada pela política de identidades.

Pensemos o caso do “Marxismo Cultural”: antes preocupado com a luta de classes, a teoria marxista teria sido atualizada por pensadores como Gramsci e os teóricos da Escola de Frankfurt, que procuraram elaborar uma crítica que articulasse capitalismo e dominação cultural. Como consequência, especialmente a partir da década de 1960 nas sociedades ocidentais, a antiga luta entre a burguesia e o proletariado teria sido substituída pelas políticas de identidade e pelo multiculturalismo. Para muitos, no entanto, o marxismo cultural é mais do que uma crítica cultural progressista, ele é

um plano orquestrado por intelectuais de esquerda para destruir os valores ocidentais, as tradições e a civilização [...] O propósito do projeto Marxista Cultural é destruir e substituir as instituições tradicionais da civilização ocidental, como o Cristianismo, as identidades nacionais e a família nuclear, pelo uso da ideologia “politicamente correta” e pela descrição de “homens brancos como maus” (BUSBRIDGE et al, 2020, p. 4)

Em um contexto político marcado pelas guerras culturais, o populismo conservador aciona, direta ou indiretamente, esta forma de crítica conspiratória para dar sentido às mudanças na ordem social e cultural percebidas como ameaçadoras por uma parte da população, mobilizando “fortes medos sobre a possível destruição das comunidades, da identidade histórica do grupo nacional e dos modos estabelecidos de vida” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 21). Veremos a seguir que a crítica conspiratória tem sido usada, no Brasil, para “desconstruir” a imagem largamente positiva que o movimento feminista conquistou nos últimos anos<sup>8</sup>, lançando dúvidas sobre quais seriam suas reais agendas para além das reivindicações por autonomia e igualdade entre homens e mulheres.

8 Sobre a popularização do movimento feminista na política brasileira desde 2013, c.f. Hollanda (2018). Sobre a massificação das pautas feministas em espaços e produtos midiáticos nacionais, c.f. Sarmiento (2022).

## CRÍTICA ANTIFEMINISTA NO YOUTUBE DA BRASIL PARALELO

Fundada em 2016, em Porto Alegre (RS), a Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A é uma produtora de conteúdos audiovisuais cujo crescimento acompanhou a ascensão da onda conservadora no Brasil, especialmente a partir do ano de 2020<sup>9</sup>. Segundo seu site oficial, sua produção é orientada “pela busca da verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e sem qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo.”<sup>10</sup> Tal pretensão à verdade, porém, não passa de artifício para afirmar superioridade moral e política: de fato, o objetivo da Brasil Paralelo parece ser ampliar o leque de eventos e processos históricos que admitem uma visão conspiratória, indo desde a ditadura militar até a ecologia, o cinema e os movimentos políticos, entre outros temas abordados por seus documentários.<sup>11</sup>

Ao lado de outros veículos hiperpartidários (RECUERO; SOARES & ZAGO, 2021) como Jovem Pan e O Antagonista, a Brasil Paralelo faz parte de uma nova geração de produtores de conteúdo da extrema-direita no país. Estes grupos estabelecem uma relação parasitária com os meios de comunicação tradicionais (LAZER et al., 2018, p. 1094): ao mesmo tempo em que repercutem os assuntos pautados pela imprensa, produzindo suas próprias interpretações das notícias, acusam-na de manipular os fatos para favorecer suas próprias agendas ideológicas. Um dos exemplos deste ativismo é o documentário *A Face Oculta do Feminismo*, lançado pela B.P. em abril de 2022. Dentre os diversos temas disponíveis em seu catálogo, todos possíveis objetos de estudo para nosso propósito, a escolha por este lançamento decorreu da constatação, em pesquisas anteriores, de que vídeos de críticas ao movimento feminista agregam maior atenção do público conservador quando comparados com outros assuntos (VAZ, SANTOS & SANCHOTENE, 2020).

Uma vez que *A Face Oculta do Feminismo* está acessível apenas para os membros assinantes da B.P. (desde setembro de 2021, quando lançam sua própria plataforma de

9 “Brasil Paralelo surfa na polarização e tem crescimento exponencial”. Veja, 08/07/2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/brasil-paralelo-surfa-na-polarizacao-e-tem-crescimento-exponencial/>. Acesso em 19/11/2022.

10 Site oficial da Brasil Paralelo. Sem data. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 01/06/2022.

11 A lista de todos os documentários originais disponibilizados gratuitamente pode ser acessada em: <https://www.brasilparalelo.com.br/originais-bp>. Acesso em 25/07/2022.

*streaming*, a produção de mais conteúdos exclusivos parece fazer parte de uma estratégia da empresa para ampliar a sua base de assinantes pagos), optamos por analisar os vídeos publicados em seu canal do YouTube com a intenção de divulgar o lançamento do documentário: foram 34 vídeos selecionados para o estudo, postados entre os dias 25 de abril e 02 de maio de 2022. Partimos da hipótese de que estes vídeos, com curta duração e títulos provocativos, foram produzidos com o objetivo de gerar cliques e atrair a audiência para o tema – e, portanto, são importantes indicativos do que a empresa julga ser relevante para o seu público.

A análise de discurso aqui conduzida se orienta pelo princípio da raridade discursiva, proposto por Foucault (2008, pp. 134-142). Segundo este princípio, quando estamos, por exemplo, diante de determinados discursos conservadores, o que faz questão é porque precisamente estes, quando tantos outros seriam possíveis. Diante de uma representação midiática da mulher ou do feminismo, a distância pertinente assumida pela análise não é em relação ao que seria a verdade da mulher e do feminismo, mas em relação à outras representações possíveis. Desse modo, o princípio da raridade discursiva se assemelha à estratégia estruturalista de enviar o sintagma ao paradigma, a fala à língua, tida como um conjunto supra-histórico de possibilidades discursivas. A diferença é que a raridade discursiva remete à investigação histórica, construindo assim uma distância entre o que hoje se diz e o que já foi dito.

Na análise, levamos em conta os títulos dos vídeos, os argumentos apresentados e os recursos visuais e de montagem empregados. Dado o tamanho da amostra e o espaço do texto, serão mencionados alguns exemplos pontuais que consideramos sintomáticos do discurso. A partir deste objeto empírico, tentaremos demonstrar concretamente como grupos conservadores estão produzindo essa crítica social conspiratória, para então na sequência traçarmos a distância histórica com outras formas de crítica produzidas no passado.

A narrativa de *A Face Oculta do Feminismo* parece, em primeiro lugar, partir da premissa de que existe um lado secreto e obscuro do movimento feminista, desconhecido pela maioria das pessoas, e que a Brasil Paralelo viria revelar:

*A Face Oculta do Feminismo* é o mais novo Original BP exclusivo, um documentário que vai revelar aquilo que está escondido por trás da face bonita do movimento. Chegou a hora de você saber o que as redes sociais, a TV e os

artistas engajados no feminismo não te contam – inclusive porque muitos deles talvez nem saibam.<sup>12</sup>

O documentário pode ser entendido, nesse sentido, como uma crítica antifeminista que apresenta elementos de uma teoria da conspiração: por exemplo, a tese de que existe algo de maligno sendo escondido por uma elite (neste caso, representada pelas redes sociais, TV e celebridades feministas), ou ainda, que a aparência de algo (a “face bonita” do movimento) não corresponde inteiramente à sua realidade (a sua “face oculta”).

A noção de que a audiência está sendo enganada sobre a real natureza do movimento feminista pode ser vista em títulos como “O segredo que o feminismo esconde das pessoas até hoje”, “Elas não querem que você saiba o que é feminismo”, ou ainda, “O feminismo não é tão inocente quanto você acha”. Mas qual seria, então, a face oculta do movimento feminista? Segundo Ana Campagnolo, a luta por direitos iguais e o combate à violência contra a mulher seriam as duas pautas mais conhecidas (e “palatáveis”) do feminismo; haveria, porém, um terceiro objetivo oculto buscado pelas autoras feministas: uma “revolução sexual”, ou seja, “uma transformação na própria identidade sexual de cada um de nós”<sup>13</sup>. Convidada assídua das produções da B.P., Campagnolo foi eleita deputada estadual em 2018, ficando conhecida por sua militância antifeminista e pelo apoio ao projeto “Escola Sem Partido”. Ela também é autora dos livros *Feminismo: Perversão e Subversão* (2019) e *Guia de Bolso Contra Mentiras Feministas* (2021).

Segundo os vídeos, o projeto de revolução sexual teria surgido na segunda onda do movimento feminista, especialmente pelos textos *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, e *A Mística Feminina* (1963), de Betty Friedan. Estas duas pensadoras teriam sido responsáveis por difundir a ideia de que a feminilidade e a família não passam de construções sociais que visam oprimir as mulheres. Beauvoir, por exemplo, é descrita em um dos vídeos como “a mulher que odiava a família”: “É impressionante como ela falava pras mulheres que a condição de esposa, e de mãe, era uma condição análoga à

12 Retirado de publicação na conta oficial da Brasil Paralelo no Instagram. Publicado em: 25/04/2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CcyWLWdAWD-/?igshid=YmMyM-TA2M2Y%3D>>. Acesso em: 31/05/2022.

13 Retirado do vídeo “Ana Campagnolo: O segredo que o feminismo esconde das pessoas até hoje”. Youtube, 26/04/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yyOjrYlXJyA>>. Acesso em: 09/06/2022.

prostituição ou à escravidão”, explica Ana Caroline.<sup>14</sup> No mesmo vídeo, são apresentados trechos de entrevista na qual a filósofa francesa defende a antiga URSS: “A Simone não tinha nenhuma vergonha, não escondia o fato de ser uma filósofa de esquerda e uma grande propagadora e incentivadora dos pensamentos marxistas e do Partido Comunista”. Este nexos histórico entre feminismo e comunismo soviético se repete em diversos vídeos – por exemplo, em “A influência oculta de Lênin para manipular as mulheres”, “Como Karl Marx influenciou o feminismo a destruir a família?” e “O chocante radicalismo nefasto da russa Alexandra Kollontai”.

Os vídeos tentam sustentar a tese de que o feminismo foi imaginado por militantes radicais, defensoras da libertinagem e do aborto, que desprezavam a maternidade e desejavam destruir os homens. Outra figura conhecida citada em diversos vídeos é Judith Butler, acusada de ser a principal idealizadora e defensora da “teoria de gênero”, uma ideologia que viria “atacar a própria identidade do ser humano”: “É uma revolução muito maior, muito mais impactante, porque se pleiteia que você só será feliz quando você desconstrói a sua natureza.”<sup>15</sup> Este pânico moral produzido em torno de uma suposta imposição da ideologia de gênero nas escolas brasileiras se tornou uma das principais plataformas políticas da direita conservadora no país, sendo elemento central do discurso de defesa da “família tradicional” e da “fé cristã”:

O espectro “ideologia de gênero” delimitou um campo discursivo de ação que podemos reconhecer como unindo imaginariamente uma suposta ameaça de “nos tornarmos uma Cuba ou uma Venezuela” ao pensamento acadêmico feminista, estabelecendo um enquadramento da política em torno do medo de mudanças na ordem das relações entre homens e mulheres, e da extensão de direitos a homossexuais. (MISKOLCI, 2021, p. 53)

Fica evidente em vídeos como “Casos chocantes após a teoria de gênero entrar no debate público”, “Bruce ou Brenda? O terrível caso do garoto criado como menina” e “O triste dia em que a ideologia de gênero entrou nas escolas” que a Brasil Paralelo tem como objetivo fomentar este temor. Nestes vídeos, o uso das imagens e da trilha sonora é estratégico para confirmar a ameaça: no terceiro exemplo mencionado, enquanto

14 Retirado do vídeo “Simone de Beauvoir: a mulher que odiava a família”. Youtube, 30/04/2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=cBeIvvkNG\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=cBeIvvkNG_Y)>. Acesso em: 10/06/2022.

15 Retirado do vídeo “Quem é Judith Butler? A teórica da ideologia de gênero”. Youtube, 01/05/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ktlaRriNG8>>. Acesso em 10/06/2022.



o especialista afirma que as crianças estão sendo expostas a esta nova compreensão sobre gênero e sexualidade, uma música instrumental dramática toca ao fundo e são exibidas imagens de crianças na escola (Figura 1); em seguida, surge uma foto desbotada de um grupo de pessoas segurando um cartaz onde se lê: “Sou professora e vou falar de gênero para seu filho e sua filha!” (Figura 2). Depois desta foto, são exibidos vídeos de drag queens lendo livros infantis para um público de crianças pequenas, além de imagens de crianças fantasiadas como drag queens (Figura 3). No vídeo, não é informada a fonte de nenhuma destas imagens; mas, através da montagem, parece se construir uma relação causal entre elas.



**Figura 1:** Cena do vídeo “O triste dia em que a ideologia de gênero entrou nas escolas”. YouTube, 01/05/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ISXhgXnxcRo>>. Acesso em 10//06/2022.



**Figura 2:** Cena do vídeo “O triste dia em que a ideologia de gênero entrou nas escolas”. YouTube, 01/05/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ISXhgXnxcRo>>. Acesso em 10//06/2022.





**Figura 3:** Cena do vídeo “O triste dia em que a ideologia de gênero entrou nas escolas”. YouTube, 01/05/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ISXhgXnxcRo>>. Acesso em 10//06/2022.

O nexos encontrado entre feminismo e comunismo sugere uma crítica ao estilo do “Marxismo Cultural”: uma conspiração entre intelectuais de esquerda e a elite cultural para destruir a tradição ocidental, uma “revolução silenciosa” que ocorreria via mídia, ciência e educação e que toma a forma do multiculturalismo e dos movimentos de minorias sociais. De modo mais específico, a análise dos vídeos indica que o tema central do documentário é o medo de que o feminismo represente a dissolução da família e dos papéis de gênero tradicionais, e que a obra se dirige especialmente a pais e mães apreensivos diante das recentes transformações na moralidade sexual hegemônica – não à toa, um dos vídeos se intitula “Minha filha tem flertado com ideologias perigosas, o que fazer?”. Para esta forma de crítica conspiratória conservadora, o feminismo não representa um movimento político e social legítimo, mas um perigo a ser combatido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornemos, então, ao percurso do argumento: começamos afirmando que, dada a estrutura das redes sociais digitais, estas plataformas apresentam uma tendência à formação de comunidades epistêmicas polarizadas que alimentam a divulgação de *fake news* e teorias da conspiração. Procuramos destacar a diferença conceitual entre bolhas de opinião (ou *filter bubbles*) e câmaras de eco: enquanto as primeiras são produzidas por afinidade de pensamentos e pelos algoritmos (ou seja, por proximidade), as câmaras

de eco funcionam pela desqualificação de perspectivas opostas e da grande imprensa. Este trabalho ativo de desqualificação é promovido por formadores de opinião e veículos hiperpartidários que parasitam os produtores de notícia e abrem espaço para a disseminação de teorias da conspiração. Dessa forma, a discussão sobre as câmaras de eco se revela como sendo de grande importância aos estudos de jornalismo.

Sugerimos então que o populismo conservador se beneficia deste fenômeno, à medida que a mudança moral se dissemina e crescem o ceticismo e a desconfiança com relação às elites políticas e culturais e às instâncias tradicionais responsáveis por regular e transmitir o saber e a verdade, como o jornalismo, as universidades, a ciência etc. Para ganhar força política e dar sentido às mudanças morais recentes, o populismo conservador está produzindo críticas conspiratórias que denunciam uma “armação” orquestrada pelas elites imorais contra o povo. Nestes discursos, o lugar do “inimigo” pode ser ocupado por diferentes personagens a depender do objetivo da crítica (ou seja, a depender do evento ou mal-estar ao qual ela deseja dar sentido): podem ser os governantes, os jornalistas e os cientistas da OMS, no caso da pandemia de Covid-19; mas também podem ser as autoras e militantes feministas e os professores que ensinam sobre gênero, como vimos no caso dos vídeos da Brasil Paralelo.

Para além das objeções morais e políticas que podem ser feitas a esses discursos, gostaríamos de propor que há, nesse tipo de crítica conspiratória, elementos marcadamente contemporâneos: assim, ao contrário de supor que eles representam uma mera repetição de discursos fascistas do passado, propomos entendê-los como sintomas de nossa cultura. Ao menos três diferenças maiores podem ser apontadas entre a crítica conspiratória contemporânea e a crítica moderna:

- a. A crítica na Modernidade supunha estrutura social. É o caso da crítica marxista, por exemplo, que distinguia, no imenso universo de sofrimentos humanos, aqueles para os quais havia uma causa política e social e que, portanto, poderiam ser reduzidos através da ação coletiva e da mudança social – mas, para isso, era preciso sair da acusação individual para a crítica do sistema (BOLTANSKI, 2004, p. 62-75). A crítica conspiratória, ao contrário, sublinha a imoralidade de uma elite que age em segredo para manipular o povo. Portanto, não será preciso mudar a estrutura social – basta combater aqueles que a corrompem.

- b. Outro elemento central para a crítica moderna era a noção de determinação histórica inconsciente. Tanto o conceito marxista de alienação quanto a noção de subjetividade para Foucault implicavam uma forma de determinação do indivíduo pela cultura e pela linguagem que se dava para além da consciência. Saber-se limitado pela cultura neste nível do inconsciente implicava também uma atitude de distância e desconforto com relação às próprias crenças: “precisamos abrir mão da esperança de um dia chegarmos a um ponto de vista que nos dará acesso a qualquer conhecimento completo e definitivo do que pode constituir nossos limites históricos” (FOUCAULT, 1984, p. 47). Já a crítica conspiratória supõe a ideia de manipulação por um outro – no caso, uma elite que engana, encena e dissimula. Mas o *outro* também pode ser aquele que é manipulado. Em ambos os casos, a existência desse *outro* não serve para questionar, mas apenas confirma a certeza de que estamos no verdadeiro, pois somos capazes de enxergar a conspiração. Desse modo, desaparece da dimensão crítica a inquietação com a pertinência histórica de nossas próprias crenças.
- c. A terceira e última diferença entre a crítica moderna e a crítica conspiratória está no modo como elas encaram as identidades. Sabemos que um dos principais esforços da crítica na Modernidade foi revelar que muito daquilo que se pensava como sendo da ordem do natural era, de fato, histórico. Filósofos como Foucault e Simone de Beauvoir buscaram historicizar as categorias e identidades a partir das quais os homens se pensavam e se constituíam, como a feminilidade e a homossexualidade. Retomemos, por exemplo, a conhecida passagem de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Por sua vez, a crítica conspiratória reafirma a identidade enquanto estilo de vida legítimo que deve ser respeitado. Pleiteando o lugar da liberdade de escolha, esse tipo de discurso afirma que o problema não está na maternidade ou na domesticidade, mas

nas feministas autoritárias que não aceitam uma mulher que deseja ocupar esta posição. Qualquer tentativa de desconstruir as convenções sexuais, familiares ou de gênero, será vista então como um ataque à identidade e à natureza dos indivíduos, ou ainda, uma imposição de uma visão deturpada e ideológica movida pelo ódio. Dessa forma, o discurso reifica as identidades como atributos naturais que determinam as escolhas livres e espontâneas dos indivíduos.

Esses três elementos presentes na crítica conspiratória (a acusação de imoralidade, a certeza sobre as próprias crenças e a afirmação da identidade) não são apanágio do populismo conservador; ao contrário, esta parece ser uma forma difundida de análise política na contemporaneidade, que não coloca em questão a si próprio quando interroga seu presente. Talvez seja tempo de retomar a inquietação quanto à pertinência histórica de nossas próprias crenças.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: 2. A Experiência Vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BERGMANN, Eirikur. **Conspiracy & Populism**: The politics of misinformation. London: Palgrave Macmillan, 2018.

BOLTANSKI, Luc. **Distant Suffering**: Morality, media and politics. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BUSBRIDGE, Rachel *et al.* **Cultural Marxism**: far-right conspiracy theory in Australia's culture wars. *Social Identities*, v. 26, n. 6, 2020, pp. 1-17.

EATWELL, Richard; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo**: A revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

FOUCAULT, Michel. What is Enlightenment? In: RABINOW, Paul (ed.). **The Foucault Reader**. New York: Pantheon Books, 1984, pp. 32-50.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GELFERT, Axel. **Fake News**: A definition. *Informal Logic*, v. 39, n. 1, 2018, pp. 84-117.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**: Arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KEELEY, Brian. Of Conspiracy Theories. *The Journal of Philosophy*, v. 96, n. 3, 1999, pp. 109-126.

LAZER, David M. J. et al. **The science of fake news**: Addressing fake news require a multidisciplinary effort. *Science*, v. 359, n. 6380, 2018, pp. 1094-1096.

LEMOS, André. **Cibercultura**: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MCINTYRE, Lee. **Post-truth**. Cambridge: MIT Press, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. *Tempo Social*, v. 11, n. 1, 1999, pp. 197-208.

\_\_\_\_\_. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: Uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. *Tempo Social*, v. 34, n. 2, 2022, pp. 195-216.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas Morais**: Política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism**: A very short introduction. New York: Oxford University Press, 2017.

MUIRHEAD, Russell; ROSENBLUM, Nancy. Will Reality Bite Back: Conspiratorial Fictions and the Assault on Democracy. *The Forum*, v. 18, n. 3, 2020, pp. 415-433.

NGUYEN, Thi. Echo chambers and epistemic bubbles. *Episteme*, v. 17, n. 2, 2018, pp. 1-21.

ONU (Organização das Nações Unidas). **Our Common Agenda**: Report of the Secretary-General. NY: United Nations Publications, 2021. Disponível em: <<https://www.un.org/en/content/common-agenda-report/>>. Acesso em 20/06/2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1, 2021, pp. 1-17.

RINI, Regina. Fake news and partisan epistemology. **Kennedy Institute of Ethics Journal**, v. 27, n. 2, 2017, pp. E-43-E-64.

SARMENTO, Rayza. Popularização do feminismo, neoliberalismo e discursos midiáticos. **Lumina**, v. 16, n. 2, 2022, pp. 166-183.

SUTTON, Robbie; DOUGLAS, Karen. Examining the monological nature of conspiracy theories. In: PROOIJEN, Jean-Willem van; LANGE, Paul van. **Power, Politics, and Paranoia: Why people are suspicious of their leaders**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, pp. 254-272.

VAZ, Paulo; SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole. Como importar uma guerra cultural: populismo conservador e a crítica ao multiculturalismo no Brasil. In: HELLER, B.; CAL, D.; ROSA, A.P. (org). **Midiatização, (In)tolerância e Reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 131-158.

WAISBORD, Silvio. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. **Communication Research and Practice**, v. 4, n. 1, 2018, pp. 17-34.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

SANTOS, Amanda; VAZ, Paulo. Sobre fake news e teorias da conspiração: Populismo conservador e desinformação na cultura contemporânea. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 18, pp: 22-42. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2023v18n.63846>.